

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utels.

69) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 25, 1838)



CAFFRES E AS SUAS CHOCAS.

## OS CAFFRES.

Os ABORIGINES, ou habitantes primitivos do sertão d'Africa oriental, incluindo os do territorio do cabo de Boa-Esperança, dividem-se em 3 classes distinctas: os hottentotes, os *bushmen* ou selvagens [gente da selva] e os caffres. São os hottentotes os antigos possuidores da região, que hoje se chama colonia do cabo; os *bushmen* ou houricanos são as tribus selvagens de hottentotes, que os colonos fizeram acolher aos matos, e que não poderam sujeitar a viverem dentro dos limites da jurisdicção europea; os caffres são uma raça de indigenas, distincta e mui bellicosa, que vive para leste e nordeste do cabo, e se estende pelo sertão de todo aquelle territorio, que se chama Africa oriental portugueza, correndo de sudoeste para nordeste.

Intentando nós de futuro dar uma noticia miudiada das possessões portuguezas da Africa, as quaes, se tivessesmos juizo, podiam dentro de poucos annos ser para Portugal um novo Brasil, não tractaremos agora do solo, clima, riqueza, e produções dessas provincias, [que com algum trabalho e boa-vontade se tornariam para nós em um manancial de maravilhosa prosperidade] mas limitar-nos-hemos a descrever os costumes dos povos, que estanceam nos sertões daquella extensissima região denominada Caffraria.

VOL. II.

O nome destes povos parece lh'o pozeram os arabes, chamando-lhes *caffres* ou *não-crentes*, e até ha quem conjecture, pelas feições, bons corpos, e caracter bellicoso delles, que não são raça primitiva, mas tribus de casta arabia. Os homens são muito altos, e fornidos, tendo ás vezes seis pés de altura, e mais, e grossos á proporção: as mulheres são bem inclinadas, espertas, e folgasaãs; tem os dentes de maravilhosa alvura e regularidade, o nariz bem feito e os beiços delgados; mas desirmanam muito dos homens, por serem baixas e grossas.

As noticias dos costumes destes povos extrai-las-hemos de uma obra portugueza recentissima, que, apesar disso, não é vulgar. Esta obra é a Memoria Estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa oriental, escripta pelo Sr. S. X. Botelho. Não será facil achar um livro onde haja mais consciencia, clareza, excellencia de estilo e de linguagem, miudeza e variedade de noticias, e que por isso talvez, foi cruelmente mordida pela Revista de Edimburgo [1], jornal, que, segundo diz um celebre litterato inglez [Sir Egerton Brydges], desde a sua origem até hoje só tem usado de setas envenenadas, e vivido de injurias e de sangue.

Os caffres da terra do Natal vivem, por via de rec-

1) Veja-se a pag. 6 deste vol.

gra, vida de pastores. Andam vestidos de pelles de bezerro com o pello para fóra; estas pelles são untadas com gordura, para ficarem brandas: o calçado é de duas e tres sollas de couro cru, pegadas umas nas outras, de forma redonda, á maneira de alparcas, atadas com correias, o que lhes não tolhe correrem com grande ligeireza. Trazem na mão, em um delgado páu, embrulhado um cabo de bogio ou de rapôsa, com que se alimpam e fazem sombra aos olhos contra os raios do sol [2]. Os principaes d'entre elles trajam da mesma sorte, e por distinctivo trazem pendurada na orelha esquerda uma campainha de cobre, sem badalo, que elles fazem a seu modo.

Vivem junctos em pequenas casas, feitas de esteiras de junco, que não defendem a chuva, as quaes são redondas e baixas, como se vê da nossa estampa. Se dentro dellas morre algum delles, logo os outros as desfazem, e todas as outras da povoação, e da mesma materia fabricam outras em outro sitio; havendo que, na aldêa em que o seu visinho ou parente falleceu, succederá tudo desgraçadamente. E assim, por forrarem o trabalho, quando algum adocece, levam-o ao mato, porque se houver de morrer, seja fóra das casas, as quaes cercam de uma sebe, e dentro della recolhem o gado. Dormem entre pelles de animaes, no chão, em covas estreitas, de seis e sete palmos de comprido, e um e dois de profundidade. Usam vasos de barro, seccos ao sol, e de madeira, lavrados com umas machadinhas de ferro; e com as mesmas cortam o mato. Na guerra servem-se de azagaias, que arremessam de longe, e com tanta destreza, que não erram pontaria; e marcham trazendo consigo cachorros capados, da feição e tamanho dos nossos rafeiros. São mui brutos, e não adoram cousa alguma. Creem que o céu é outro mundo como este em que vivemos. A mór parte delles circuncida-se: são muito sensuaes, e teem quantas mulheres podem sustentar, das quaes são ciosos. Obedecem a senhores, que chamam ancosses, que são cabeças e regedores de cinco, seis, e sete aldêas. Teem quasi todos a mesma linguagem, com pequena differença de dialecto. Allongam-se pouco de suas povoações, e por isso apenas teem noticia dos visinhos. São muito atraioçoados, mui interesseiros, e servem em quanto lhes não pagam; mas se a satisfação precede ao serviço, dão costas, e não ha obriga-los a elle. Prezam o ferro e o cobre, e não fazem cabedal do ouro e da prata, que entre elles não tem nenhum preço, fazendo grangearia daquelles dois metaes, pelos quaes trocam os gados e os mantimentos, que é a moeda que possuem.

Os caffres que habitam nas visinhanças do rio de Lopo Infante [Great-Fish-River] são menos ciosos do que os outros. Para significarem o gosto com que dão gasalhado aos hospedes, mandam vir ante elles suas mulheres e filhas, e bailam todas junctas, tangendo as palmas, e cantando com requebros e ademânes: não erram ponto; e em chegando a certo logar da dança, levanta-se um grande numero de negros [que assentados estão esperando vez] encorporam-se na dança, e bailam todos. Pagam-se muito de que os espectadores lhes brindem mulher e filhas com quinquilherias, que elles presam: mostram-se agradecidos, retribuindo com o retorno de vaccas e carneiros; mas este bom agasalho não é feito com animo singelo; senão por dissimulada cubiça, não perdendo a enganosa e fingimentos para nos colherem ás mãos, quando desapparecidos.

Os caffres da terra dos Fumos, que entesta com a do Natal, são governados por seus reis ou regulos, e

não por ancosses. Vivem de roubar e montear: os mancebos nobres vestem esteiras de tabúa, em quanto não trazem armas, nem se ajunctam com mulheres, dos quaes exercicios não usam senão de vinte dois annos por diante. São todos bem dispostos, mais azevichados que os antecedentes, mais verdadeiros, mais tractaveis, e não andam, como elles, acompanhados de cães. Jogam azagaias na guerra: os seus regulos são precedidos sempre de mais de cincoenta caffres, que os acompanham em todos os logares, e lhes servem de guarda de honra. Usam-se aqui os mesmos generos de resgate, e semelham-se no mais ao commum dos caffres.

Outras tribus, que estanceam daqui ávante, para a banda da bahia de Lourenço-Marques teem costumes e usanças variadas: mas, por via de regra, são de melhor tracto, ainda que grandemente buçaes: alguns ha que se persuadem que em os brancos lhes pondo as mãos em qualquer parte do corpo, onde sintam dôres, ficam livres dellas com este remedio. Os que habitam entre os médos do ouro, e o reino de Inhaca, o qual se dilata até a bahia de Lourenço-Marques, são desabridos, crueis, e tão atraioçoados, que se não attrevem a accommetter descubertamente. São tenazes nos combates, e não ha tocar-lhes com armas de arremesso, pela ligeireza com que furtam o corpo: as de fogo são as que só temem; as que os dispersam e desbaratam.

Não ha que fiar dos trejeitos e ademânes destes caffres, quando se topa com dois ou tres delles solitarios, por serem espias, que andam pesquisando os caminhantes para os mais desgarrarem, conduzindo-os a logares, onde sejam roubados, mortos, e ás vezes retalhados e comidos. Se os caminhantes não caem no engano de tirar lingua delles, desconfiam que estão descobertos, dão subito grandes apupos, e em pouco tempo é feito um grande ajunctamento delles, havendo a presa por certa. Quando accommettem vem capitaneados por um, que trazem á frente por mais valoroso e destemido: qualquer arma de fogo desparada nelle, apenas vem a tiro, é a maneira de lhes escapar; porque, como vejam a um delles varado em terra, logo se bandeiam e desapparecem.

Em tudo o mais são estes caffres semelhantes aos precedentes; teem os mesmos usos; alimentam-se deervas e raizes da terra, e das fructas silvestres e do milho, que semeam, colhem, concertam, e guisam pela mesma fórma. Vivem de montear elephantes, e cavallo marinhos, cujos dentes são resgatados por cobre, ferro, arame, contas de vidro e outras quinquilherias de resgate, que são geraes nesta parte da caffraria. Andam nús, mais descompostos que os outros caffres, e teem a mesma corpulencia e robustez; mas são menos azevichados, e teem diverso dialecto.

Em um artigo posterior fallaremos dos caffres de Inhambane, Sofala, e dos reinos que jazem no sertão dos nossos dominios.

#### Os MONUMENTOS.

CREEM muitos que uma das mais bellas missões, que a providencia possa encarregar a qualquer individuo, seja o defender a razão a sciencia e a arte diante da opinião publica. Veem os taes lucro, gloria, respeito e bençãos para o escriptor que alevanta a voz a favor de todas essas cousas, se essa voz é sonora, se vae revolver os corações, melhorar os actos, e reformar as opiniões dos seus contemporaneos. Ao primeiro aspecto, os que assim pensam parece pensarem bem: desgraçadamente são as idéas destes as primeiras contra as quaes se ha-de erguer essa voz, se o escriptor qui-

[2] Deste adorno falla já o A. desconhecido do Roteiro da viagem de Vasco da Gama, impresso ultimamente no Porto.

ser em tudo seguir sua missão de verdade. Lucro, gloria, respeito e bençãos são para aquelles que affagam com palavras mentidas as preocupações populares; para aquelles que, sem discrimine, louvam, adornam, repetem como cechos, as opiniões que ao redor d'elles, e talvez por cima d'elles, passam como uma torrente. Tumultua o genero-humano, correndo ao longo dos seculos: o louvador do tumulto, se a natureza lhe deu ingenho e imaginação, vae adiante, como capitão e guia da geração, que corre ebria: incita-a, arrasta-a e deslumbra-a: as corôas vôm do meio do fopel sobre a sua cabeça: verdade é que elle se despenha com essa geração no abysmo do passado: verdade é, que esse abysmo se fecha com o sello da reprobção, e que o futuro por ahi passará, e sorrirse-ha, lendo a inscripção de escarneo, que sobre elle se ha-de escrever: mas isso que importa? O homem, que vendeu ao seculo o ingenho, que Deus não lhe deu para com elle mercadejar, será victoreado, enriquecido e glorificado, até o seu derradeiro dia: e porventura com justiça. Elle ajudou o progresso, embora este fosse um progresso de morte!

Mas que pôde esperar aquelle, que, n'essa longa e larga estrada do tempo, por onde o genero-humano corre desordenado, quizer vir da banda do futuro, e em nome do futuro, dizer ás multidões: *parae lá!* Embora a sua voz seja de bronze; embora as suas palavras façam vibrar todas as cordas do coração, e despertem todas as convicções da alma, não espere ser escutado: bem curto, até, será o seu discursar. Esmagado debaixo dos pés dessas ondas de povo, que passa desenfreado, sua voz ficará sumida no pó: d'uns terá insultos, d'outros maldicções, d'outros silencioso desprezo; e aquelles, a quem uma abjecta e corrupta philosophia chama sabios e prudentes, dirão, com vil e egoista compaixão, passando por elle, e vendo-o jazer espesinhado; "Pobre louco, recebeste o premio de querer contrastar o seculo!"

O que havemos dicto é uma verdade cruel; mas é uma verdade. Ha n'este tempo dois caminhos para seguir: um largo, suave, glorioso e rico, mas abominavel aos olhos da suprema razão; outro fragoso, estreito, cuberto de urzes, gerador de opprobrios; mas abençoado de Deus, e dos vindouros. Segundo a sua consciencia siga cada um o que lhe aprouver: aquelles cujas esperanças não passam do portal do cemiterio, e que n'este veem o termo da sua viagem, que vão pela estrada suave: nós que no futuro temos as nossas melhores esperanças, tomaremos o bordão de peregrino, e iremos rasgar os pés pelo caminho das urzes. Resignar-nos-hemos nas affrontas, e como os soldados do eremita Pedro, tomando a cruz para irem morrer na Palestina, clamavam: — *Deus o quer!* *Deus o quer!* diremos tambem: sofframos as dores e o opprobrio: sofframos que Deus o quer.

É contra o espirito destruidor d'esta geração que ora vive, que ergueremos a voz: ergue-la-hemos a favor dos monumentos da historia, da arte, e da gloria nacional, que todos os dias vemos desabar em ruinas. Aceitamos desde já o sorriso dos economistas, dos reformadores, e dos caiadores do passado; retribuimos-lhes com outro; e encarregamos aos nossos netos o decidir qual d'estes dois sorrisos deixou estampada a infamia nos labios por onde passaram.

Duas epochas distinctas apresentam os ultimos tempos, nas quaes se pôde dividir a historia da destruição dos monumentos da nossa patria: uma já acabou; na outra vivemos nós.

A ultima metade do seculo passado, e parte d'este foi um periodo de reforma. Começou-a um homem grande, mas que era homem do seu tempo. Genio positivo e mui pouco especulativo, ministro d'um rei

absoluto, e sabendo que se não caminhasse depressa ficaria no caminho, o marquez de Pombal, fez resurgir de salto sciencia, artes, industria, administração: a refórma foi por isso apparente e não intima: a nação obedecia ás refórmas, mas não as comprehendia: e as refórmas definharam-se, logo que se partiu o braço de ferro, que as sustentava: este é o destino de todos os progressos que não nascem do seio da sociedade, e do desinvolvimento das idéas; esse devia ser, e foi, o seu destino, depois do reinado do conde de Oeiras.

Tinha-se n'aquella epocha accitado em Portugal o movimento intellectual da Europa; mas accitado só nas fórmas, e só estas ficaram. Todavia sem o espirito d'esse movimento, o progresso era impossivel. Assim aconteceu. Acerca da sciencia tomaremos unicamente para exemplo a primeira de todas — a philosophia.—O bom homem Genovesi tem reinado tranquillamente quasi um seculo nas nossas escholas; porque nellas não se comprehendeu que as idéas d'este homem eram apenas percursoras de outras melhores: arrojadas aos entendimentos por mão absoluta, os entendimentos as receberam como absolutas em si; como o Oriente tinha recebido o Coran, ao grito de— *cré ou morre!*

O que succedeu na sciencia, succedeu na litteratura: acabaram os acrostichos, o gongorismo, os sermões de antitheses e argucias, os elogios e conferencias palavrosas e retumbantes da academia de historia; mas ficámos com a litteratura á Luiz 14.<sup>o</sup>, que os nossos innocentes arcades tomaram, com edificativa sinceridade, por litteratura grega e romana: nas boas letras, como na sciencia, a regeneração foi apparente, porque n'essa regeneração não havia nacionalidade: as mudanças eram filhas de decretos reaes; não de idéas que fervessem nos animos populares. Ainda hoje não seria muito prudente rir em publico das tres unidades; mas n'aquelles tempos o faz-lo seria faltar ao respeito ao Richelieu portuguez, e isto equivalia a um carcere de S. Gião, ou a uma viagem até as costas de Africa.

A industria foi tambem introduzida á força; mas as artes, e principalmente a architectura, cuja historia n'este logar nos importa mais do que a de nenhuma outra, já existiam quando começou a reinar o marquez de Pombal. A epocha de D. João 5.<sup>o</sup> foi uma epocha de luxo e riqueza; e o luxo e a riqueza criam os artistas. As obras magnificas do nosso Luiz 14.<sup>o</sup>, e mais que tudo a edificação do fradesco palacio de Mafra, fizeram apparecer estatuarios, esculptores, architectos. Achou-os o conde de Oeiras, e deu aos seus talentos uma nova applicação: ao gosto falsissimo da architectura italiana, que era a seguida em Portugal, fez substituir um gosto mais severo, mais util, e mais mesquinho: era um politico influindo nas artes. Compare-se o caracter geral do convento de Mafra com o das grandes obras do marquez de Pombal — as ruas da cidade baixa — o terreiro do Paço — a alfandega — o arsenal: em Mafra achar-se-ha exaggeração de ornatos, primores de cinzel, nenhuma inspiração verdadeiramente grande: nas obras do marquez, largas môles desadornadas: edificios monotonos, mas uteis e necessarios: uma praça magnifica; mas affeada de miseraveis paredes amarellas, para poupar alguns palmos de silharia; para poupar algum marmore em uma serra de marmore! O plano de todas as obras d'esta epocha parece traçado no entendimento de um negociante hollandez. O despotismo ignorante estragou a arte com ridiculos europeis: o despotismo illustrado estragou-a com a razão. Mafra é um poema da Fénix renascida: a cidade do marquez de Pombal, um soneto de Diniz, ou uma ode de Gargão. Paz á nec-

moria de D. João 5.<sup>o</sup>; paz á memoria do marquez de Pombal!

Morreu D. José 1.<sup>o</sup> e com a sua morte naufragou Portugal: sobre o vortice que o sorveu boiaram por algum tempo as letras e a sciencia, que sustentava ao de cima o braço do duque de Lafões: mas a architectura affundou-se de todo. Quereis saber o que ella foi dahi ávante? Olhae para o convento do Coração de Jesus: encontrareis um pensamento de restaurar a architectura do principio do seculo 18.<sup>o</sup>: mas um pensamento que produz uma caricatura d'outra caricatura: aquellas portas microscopicas, aquellas columnas gigantes, encostadas ao edificio como uma excrescencia, que alli se guarda para outra obra em que sejam precisas, aquelle atrio detestavel, aquellas torres, onde não se pouparam, nem columnas inuteis, nem ridiculo, tudo isso é a amostra do gosto da epocha, gosto que tem durado, e que debaixo de differente fórma achareis no paço da Ajuda, e em meia duzia de armazens ao divino, éonstruidos nos ultimos quarenta annos, e baptisados com a pomposa denominação de templos.

Eis o que foi em Portugal a architectura durante seculo e meio: as gerações que então passaram não podiam comprehender a sublime magestade dos edificios da idade media; os paços gothicos, os castellos antiquissimos, deixaram-se desabar: conservaram-se os mosteiros, algumas parochias, as cathedraes; não por serem cousas da arte, mas por serem cousas sanctas; o resto caíu em ruinas.

Assim mesmo hoje, em mosteiros, em egrejas, em cathedraes, teriamos inestimaveis monumentos, se n'esta terra, desamparada de Deus e da arte, tivesse havido um vislumbre de gosto puro. Porém os bispos sabiam theologia e direito canonico; os conegos, alguns, sabiam latim; os frades eram eruditos, e homens de letras; mas nem os bispos, nem os conegos, nem os frades curavam, ou entendiam de architectura. Entregaram tudo aos architectos, e os architectos tudo estragaram. A pedra calcarea chegava a custo para se converter em cal: os batefolhas não tinham mãos a medir: columnas, capiteis, abobadas, torres, portaes, arcarias, claustros, tudo foi caiado, dourado, eufeitado, estragado. Procuraes nas nossas sés uma d'essas columnas rendadas, cubertas de imagens, de bestiaes, de lavores; onde os olhos do antiquario liam a historia dos costumes, do trajo, das crenças que vogavam n'aquellas eras; onde muitas vezes estavam esculpidos longos dramas populares, retratos de homens illustres, e até romances e imaginações de poetas; onde o esculptor copiava para o futuro a sua vida intima; procuraes essas columnas e não achareis uma só! — Passou por lá o picão do reformador, a colher do estucador. As columnas estão rebocadas, alvas e polidas. A luz do sol já não bate no pavimento do templo, convertida em luz baixa, saudosa, e de meditação, pelos vidros córados das frestas esguias, pelas janellas circulares e profundas: agora alaga em torrentes essas paredes brancas e douradas, d'onde escorregam e caem para a terra todas as orações que, d'antes, por ellas subiam aos ceus: o templo de Deus é como a salla de baile, como a salla dos legisladores, como a salla do theatro, como a praça publica, sem mysterio, sem tradições, sem saudade. Gloria aos rebocadores, estucadores, caiadores, e douradores do seculo que foi, e do que é!

Porém, se a barbaria ridicula destes ultimos cem annos procurou cubrir com o seu asqueroso veu os monumentos dos bons seculos, deixou-lhes ao menos os seus bellos e sublimes perfis, as suas linhas architectonicas: a idéa primitiva dos edificios escapou ás picaretas e aos boiões de cal delida; e apesar de que

os edificios, que o tempo arruinou em parte, foram reedificados, n'essa parte, segundo os principios da depravação moderna, ficando monstruosos e absurdos na sua íntegra, todavia ainda ha muito que estudar e admirar n'esses monstros, em quanto outros ainda restam intactos nas suas fórmulas geraes.

Mas durarão muito tempo estes restos das riquissimas obras da mais formosa e magnifica de todas as artes? — Não o esperamos; mas deixaremos ao menos estampadas as nossas maldicções contra os seus destruidores. Fizemos até aqui justiça ás tres gerações passadas: fa-la-hemos á nossa no que vamos escrever. Pertencem aquellas á primeira das duas epochas, em que dividimos a historia da completa ruina da architectura; nós pertencemos á segunda: aquellas destruíram por ignorancia, e ainda mais por desleixo; destruíram negativamente: nós destruímos por idéas exaggeradas e falsas: destruímos activamente; destruímos, porque a destruição é uma vertigem do tempo, uma febre que devora, não os corpos, mas os espiritos. Felizes nós se podermos curar alguém d'ella; salvar ainda que seja uma só pedra das mãos dos modernos Hunos.



RAMO DA ARVORE DO CACAU.

[*Theobroma cacao*].

Esta arvore, que nasce espontanea em algumas regiões da America, é tão pequena, que sem escrupulo se poderia denominar arbusto; porém as folhas, ao dizer de Mawe, assemelham-se ás maiores do castanheiro; quasi sempre tem muitos troncos, e á proporção que altêa, lança ramos horisontaes e inclinados: os seus fructos, que só se criam no tronco, e ramos grossos, são umas grandes capsulas oblongas, de fórma de melão com casca muito dura, que encerram cada uma quarenta até cincoenta amendoas de casca tenue e fragil envoltas n'uma pôlpa esbranquiçada e doce. Estas amendoas descascadas, torradas, e moídas, misturadas com assucar, e aromatisada a massa com baunilha e canella, ou sem estes ultimos ingredientes, constituem o chocolate, bebida vulgar na Europa, frequentissima porém entre os hespanhoes, e os habitantes das suas colonias.

As propriedades do cacau procedem d'um oleo fixo concreto, e d'um agradável principio aromatico. As amendoas do cacau fornecem, por compressão, um oleo que se condensa naturalmente, e toma então o nome de *manteiga de cacau*, que se conserva por longo tempo sem adquirir ranço, e que é de grande alivio para os achacados de hemorrhoidas; porque applicada como emplastro previne a repetição dos ataques, e modifica a aspereza do fluxo hemorrhoidal.

O barão de Humboldt avaliava o consumo do cacau na Europa em 1806 em vinte e tres milhões de libras. Só em Inglaterra no anno de 1835 excedeu a um milhão de libras.

Linneu deu ao arbusto do cacau o nome, por excellencia, de *theobroma*, palavra grega que significa manjar dos deuses.

#### OS REIS DE POUCOS DIAS.

DEPOIS da infeliz batalha de Alcacerquibir, a incerteza que em Portugal havia, ácerca da sorte d'elrei D. Sebastião, e o desejo que geralmente todos tinham de que elle houvesse escapado vivo daquelle malaventurado conflicto, fizeram com que alguem se aproveitasse dessa tendencia do espirito publico para persuadir os incautos de que elle vivia, e que andava pelo reino disfarçado. Isto deu azo a dois casos singulares que poucos annos depois aconteceram.

Juncto da villa de Alboquerque havia um moço, natural de Alcobaça, que fazia vida de ermitão, com opinião de grande sanctidade. Deram os visinhos em suspeitar, que era elrei D. Sebastião, suspeitas estas que brevemente se converteram por muitos em certeza. Começaram as inquietações, e ainda que o eremita recusou a principio fazer o principal papel na farça, vendo que o engano lhe era proveitoso, resolveu-se a desempenha-lo, sem, comtudo, se declarar abertamente. Reuniram-se-lhe dois vagabundos, dizendo um que era Christovam de Tavora, valido de D. Sebastião, e o outro o bispo da Guarda. O desfeixo do drama foi tragico: as auctoridades lançaram mão do supposto rei e dos seus conselheiros, sendo elle mettido nas galés, e o pobre bispo, sem bispado, levado á forca.

Não serviu este successo de escarmento aos embusteiros, e juncto á villa da Ericeira se preparou outra revolta maior. Tambem em um eremiterio, que naquelles sitios havia, estava mettido um rapaz com mostras de vida penitente. Fechado na ermida, agoutava-se, ou fingia agoutar-se rijamente a certas horas, e percebendo que o escutavam, acabava a disciplina com uma lamentação mui sentida, dizendo: *Ai de ti Sebastião, que toda a penitencia é pouca a respeito das tuas culpas!* Divulgou-se a noticia disto por aquelles contornos, e um lavrador muito rico, chamado Pedro Affonso, se declarou parcial do novo rei, armando mais de 300 homens, e tomando o nome de D. Pedro de Menezes, declarando-se general, e despachando-se a si proprio, conde de Torres-Vedras, senhor de Cascaes, e alcaide-mór de Lisboa, sabendo, segundo a engraçada observação de um escriptor nosso, quão depressa sobem os validos. Destinou, além disso, uma filha sua para cazar com o novo rei, o qual nunca sahia a publico, para não ser conhecido. Quizeram as auctoridades constituidas acabar com esta revolta que ja começava a inquieta-las; mas os levantados resistiram e obrigaram-as a fugir. Seguiram-se insultos e violencias, que elles commettiam por toda a parte por onde passavam. Foi então preciso persegui-los com maior poder, mandando contra elles algumas companhias de tropa regular, que facil-

mente os derrotaram. Seguiu-se o desfeixo do drama que bem como do antecedente foi a fôrca, sendo condemnados á morte o supposto rei, o seu general, e alguns mais dos amotinados, e os outros mettidos nas galés.

#### OS HARENS DO EGYPTO.

##### II.

APESAR de todas as historias tragicas, que os europeus que teem estado no Egypto costumam narrar *com mysterio*, o certo é que os maridos ha muito tempo que não usam do direito de vida e morte a respeito de suas mulheres. No Oriente com facilidade se perdoam e esquecem culpas, e até se pôde dizer que é maior o numero dos europeus que se vingam da infidelidade de suas mulheres com arrancar-lhes a vida, do que o dos mussulmanos que mandam deitar as suas no Nilo cosidas dentro d'uma sacco de pelle. Asseguram que as mulheres dos harens são mui agradaveis; recebem com grande affabilidade as europeas, e são mui curiosas indagadoras do seu modo de trajar e maneira de viver. Interrogam-as a respeito de seus maridos, de seus filhos, [porque o ser mães é para ellas cousa de grandissima valia] d'ahi passam a perguntar-lhes se o Nilo tambem banha as suas patrias, e se as não banha, d'onde tiram a agua que bebem, e quantas vezes resam os christãos no dia. O mais ardente desejo d'estas mulheres consiste, como já dissemos, em agradar a seus maridos e ser mães, porque sendo-o, quando venham a perder o seu amor, teem ao menos a certeza de conservar em quanto vivas respeito, consideração e remanso. Ha comtudo harens onde as mulheres são tantas, que a maior parte d'ellas nunca chegam a ter filhos. O pachá e os homens poderosos, que teem harens seus, costumam commummente casar estas mulheres com os seus validos e mamelukos, e isto reputam os taes uma mercê honrosissima que não devem regeitar, sob pena de offenderem cruelmente a seus protectores, e de lhes cairem no desagrado.

Acabamos de fallar d'um grande harem de quinhentas a seiscentas pessoas; mas advirta-se que são muitos mais os de sete para oito pessoas, e até de tres para quatro. Estes harens de homens do povo occupam as mais das vezes um quarto escuro da casa, constam de algumas mulheres e varias escravas ou domesticas, e o dono d'elles é ao mesmo tempo o superintendente e o eunuco. Se á mulher illustre não é dado sair senão montada na alta sella d'uma mula ou d'um jumento, e enfardada em veus que inteiramente lhe occultam as mãos e até os pés, a mulher da classe media sae a pé, e posto que tambem negros e longos veus a involvam, revela ao menos quando anda o pisar engraçado, e as delicadas fórmas do corpo.

Alguns europeus, mui poucos em numero, versadissimos nos usos e lingua do Egypto, e valendo-se de trajos mulheris ousam introduzir-se nos harens para os examinar. É vedado ao marido o entrar no aposento de sua mulher logo que veja á porta as chinelas d'uma mulher de fóra; porém como é prudente estar sempre apercebido para uma explosão de ciúme oriental, ainda que não se tenham dado motivos, costumam os europeus por cautela, quando empreendem aventuras d'estas, levarem os vestidos de seu uso por baixo das largas roupas em que vão embiocados; porque sendo preciso a vista dos taes vestidos pôde quebrar o primeiro impeto de furor do marido, e affiançar ao curioso a intervenção do seu consul.

Démos a conhecer, o como um harem é repartido, e qual é parte dos habitos das mulheres; porém os mysterios da vida privada, as impressões intúmas

que as paredes domesticas não deixam transpirar, ainda ninguem os divulgou; jazem, e jazerão occultos. Ainda ninguem viu a mulher na presença do seu esposo, ainda ninguem os ouviu fallar um com o outro: do segredo da existencia da mulher apenas são senhores o pae, o irmão, e o marido, que a guardam inviolavelmente; afóra esses todos os mais o ignoram. Cercada de tantas pompas, julgar-se-ha ella feliz? Apetecerá por ventura mais gozos? Lamentar-se-ha de ser escrava como nós lhe chamamos? Eis-ahi o que não póde saber-se. Não sendo merecedoras de grande credito as mesmas confidencias individuaes, porque a mulher engana e mente muitas vezes, quando a perseguem com perguntas indiscretas, só podêmos avaliar a sorte das mulheres orientaes conforme nos agrada ou desgosta o que alcançamos ver.

Nota-se grande variedade nas condições das mulheres do Egypto. Desde a esposa do pachá e do bey, que vivem vida repousada dentro de um magnifico serralho, rodeadas de commodos e riquezas, até a mulher do pobre, que auxilia o homem nos trabalhos mais duros, embrulhada n'um desprezível farrapo de panno azul, condemnada a dormir n'uma choupana terrea, e a soffrer as amarguras da vida, encontram-se, não direi gradações, porém differenças mui abalisadas, nas raças das mulheres, nos seus habitos, nos seus trajos, e até na côr da sua pelle. Na Europa parece que todas as mulheres são imitações do mesmo modelo, exceptuando comtudo alguns typos raros e sobre si, que conservaram a originalidade por viverem affastadas da corrente caudal da nossa civilisação. Em Paris, *verbi gratia* ha mulheres de todos os paizes, mas debalde se procurará, tanto debaixo da touca da mulher da classe a mais humilde, como debaixo do chapéu da fidalga, a gauleza, a romana, a franceza, a normanda: seria até difficiloso distinguir n'um ajuntamento a italiana, a ingleza, a hespanhola, ou a americana. Comparada com esta uniformidade, que a um viajante que esteve muito tempo no Oriente será licito chamar monotona, a diversidade dos usos, dos costumes, das leis, e mesmo do modo de andar, que se observa no Cairo, esta deve ter seu valor.

Dividem-se as mulheres no Egypto em duas grandes classes principaes: as exóticas, e as indigenas. As mulheres exóticas são geralmente escravas, vindas da Circassia, da Georgia, da Abyssinia, do Senaar, do Cordoufan, &c.; as mulheres indigenas, pelo contrario, são livres. Pertencem a esta classe as cophtas, as arabes, as judias, e aquellas que estão naturalizadas por habitarem ha muito tempo no Egypto, como são as turcas, as armenias, as gregas e as levantiscas. As europeas são as unicas mulheres exóticas livres. Ainda existem em varios harens algumas gregas, resto d'essas infelizes captivadas nas guerras da Morea, e compradas no tempo em que os mercados do Egypto estavam tão abundantes de escravas, que uma grega, formosa como a Venus de Phidias, se vendia por algumas resteas de cebolas.

Temos apresentado um resumo da estatistica das mulheres no Cairo, que poderia dar uma idéa da de todo o Egypto; porém cumpre advertir que no Oriente quando é preciso recorrer aos algarismos nada se sabe com exacção, porque as bases para os calculos estatisticos por força hão de ser alli menos seguras do que na Europa. Contam no Cairo e seus suburbios 1.450 harens dos principaes mussulmanos, que contém 12.500 mulheres: alguns encerram mais de 500; outros não chegam a ter mais de sete ou oito.

#### GRACEJOS DOS ANTIGOS GREGOS.

**HIEROCLES**, philosopho d'Alexandria, querendo met-

ter a bulha um pedante do seu tempo, traça o caracter dos pedantes com as oito anedotas seguintes, que elle diz pintarem o estado intellectual de todos elles, sendo certo que, no meio dos seus vãos estudos, esquecem as mais simples regras do senso commum. Isto servirá para nos dar uma idea do gracejar dos gregos.

1.<sup>a</sup> — Um pedante, na primeira tentativa que fez para nadar, esteve a ponto de affogar-se: jurou, portanto, de que não tornaria a chegar-se á agua, antes de ter aprendido bem a nadar.

2.<sup>a</sup> — Outro, querendo vender umas casas tirou uma pedra das paredes, a qual trazia consigo para amostra.

3.<sup>a</sup> — Outro, querendo saber se ficaria bonito estando a dormir, poz-se diante de um espelho com os olhos fechados.

4.<sup>a</sup> — Outro, encontrando um medico, quiz esconder-se: perguntou-lhe este porque o fazia: respondeu: ha já tanto tempo que não estou doente, que é uma vergonha; por isso não lhe queria fallar.

5.<sup>a</sup> — Outro, encontrando um seu parceiro, disse-lhe: Ouvi dizer que V. m. tinha morrido! — Tornou-lhe o outro: Mas agora vê que estou vivo: ao que elle replicou: Assim o diz V. m.; mas quem me disse que morrerá, era pessoa de muito credito!

6.<sup>a</sup> — Outro, ouvindo dizer que as grallias viviam 200 annos, comprou uma para fazer a experiencia.

7.<sup>a</sup> — Outro, em certa viagem, estando a ponto de naufragar, e vendo os demais passageiros agarrados a taboas, abraçou-se com a ancora para não ir ao fundo.

8.<sup>a</sup> — Viajavam junctas tres pessoas: um pedante, um barbeiro, e um calvo: veio a noite, e ajustaram entre si, que cada um velasse quatro horas em quanto os dois dormiam. Tocou o primeiro quarto ao barbeiro, o qual, tanto que viu os companheiros profundamente adormecidos com o canção, deitou-se á cabeça do pedante, e muito ao de leve foi-lh'a rapando toda: passadas as quatro horas acordou-o. Despertado o pobre homem, bocejou, espriguçou-se, e entrou a coçar na cabeça, e achando-a lisa como a palma da mão exclamou: olhem que pedaço de bruto é o mestre barbeiro! — em vez de me acordar a mim, vae acordar o calvo!

#### CATASTROPHE CAUSADA PELO AR CORRUPTO.

EM UMA casa de trinta palmos quadrados, sem outros respiradouros mais do que duas janellinhas que diziam para um corredor, foram encerrados cento e quarenta e seis soldados inglezes, aprisionados nas guerras do Indostão. Estes infelizes sentiram primeiramente dores de cabeça, e suor copioso, d'ahi uma sede insupportavel, e a final grandes dores de peito e uma extrema difficuldade de respirar. Recorreram a diversos meios para obterem o ar que lhes faltava: despiram-se, agitaram o ar com os seus chapéus, e até lhes lembrou lançarem-se de joelhos, e erguerem-se todos a um tempo. Por tres vezes, no espaço de uma hora, se valeram deste alvitre, e de cada vez, muitos d'elles, faltando-lhes as forças, caíram, e foram atropellados pelos seus companheiros. Pediram agua: deram-lha; porém, armando-se uma desordem sobre quem mais beberia, os mais fracos foram derribados, e succumbiram pouco depois. A agua não matou a sede dos que a poderam alcançar; devorava-os uma febre que crescia com immensa rapidez. Antes da meia noite, isto é, no decurso da quarta hora da sua reclusão, todos os que ainda viviam, e que não tinham podido respirar nas estreitas janellas um ar inficionado, tinham caído n'uma estupida

modorra, ou n'um horrível tresvario. Brigaram muitas vezes para decidir quaes d'elles chegariam ás janellas. As duas horas da noite já não existiam senão cincoenta, numero que ainda tinha de diminuir! As brigas para chegarem ás janellas continuaram até raiar o dia. O proprio commandante desta gente, depois de haver resistido muito tempo, caíra asphyxiado: levantaram-no, chegaram-no á janella, e ministraram-lhe alguns soccorros. Abriu-se pouco depois a prisão! . . . . De cento e quarenta e seis homens que n'ella haviam sido encarcerados, apenas vinte e tres saíram vivos: achavam-se no mais deploravel estado, e em todas as feições se lhes descobriam signaes da morte de que acabavam de livrar-se.

*Valor da corôa, feita para a cerimonia da coroação da actual rainha d'Inglaterra, pelos Srs. Rundell e Bridge, ourives da casa real.*

Vinte brilhantes no círculo principal a . . . . .	1.500 lib.	30.000
Dois ditos grandes no centro . . . . .	2.000 „	4.000
Cincoenta e quatro ditos pequenos nos angulos do dito . . . . .		100
Quatro cruces compostas de vinte e cinco brilhantes . . . . .		12.000
Quatro brilhantes grandes nas extremidades das cruces . . . . .		40.000
Doze ditos ditos que formavam a flor de liz		10.000
Dezoito ditos pequenos para a dita . . . . .		2.000
Perolas, e brilhantes, etc. nos arcos e cruces		10.000
Cento e quarenta e um brilhantes no globo		500
Vinte e seis ditos na cruz de cima . . . . .		3.000
Dois fios de perolas nas bordas . . . . .		300
	Lib.	111.900

Ou quatrocentos sessenta e nove contos de réis. Esta immensa massa de joias, com o ouro, o arminho, etc. não pezava mais do que dezenove onças e dez grãos. Tinha sete pollegadas na sua maior altura, e cinco de diametro.

## O MESTRE ASSASSINADO.

*Chronica dos Templarios.*

1320.

### III

Os sonhos da madrugada eram terriveis para Guido! — Imaginava o cavalleiro que via o seu hospede, desvairado, e furioso diante de si, e que lhe ouvia pronunciar estas palavras terriveis. “Morre tu, primeiramente, assassino! — Dando um retumbante grito, Guido saltou do leito, e lançou mão da espada. Acordára. Diante d'elle alguem estava; mas era uma linda mulher, que ria da furia do cavalleiro. Ficou este confuso e largou a espada. Ella então com um modo angelico lhe disse: Socegae, senhor! Um sonho terrivel vos offuscava o espirito: é o almoço que vos trazem; e quem o traz é uma fraca mulher.”

Córando de vergonha pelas loucuras da sua imaginação, Guido ficou por algum tempo callado: depois erguendo os olhos perguntou:

“Onde está Perrail?”

“Não sei, senhor! — É nome que não conheço.”

O cavalleiro correu a mão pela frente, e proseguiu:

“Desculpae-me o engano. Onde está vosso marido?”

“Gilberto saíu; foi ao lago de Santes pescar al-

gum peixe. Hoje a nossa pobre mesa deve ser mais abundante.”

Guido suspirou. Deus louvado! disse lá consigo; o desgraçado suspeitou ao que eu vinha, e fugiu. Minhas mãos não se tingirão de sangue.

Sem dar palavra, almogou. Depois, pondo a escudella vazia sobre a lareira da chaminé, disse á boa mulher, que estava em pé diante d'elle:

“Deus vos dará a recompensa da hospitalidade que haveis exercitado com um homem inteiramente estranho; porque vosso marido, não me conhecendo hontem, não vos podia dizer quem eu era.”

“Eu não sei, respondeu Branca, se elle vos conhece, ou que negocio vos trouxe aqui. Não me importa indagar segredos alheios, para tractar bem um hospede.”

“Mas dizei-me, minha boa patroa; Perrail. . . não digo bem . . . Gilberto nunca vos contou as suas aventuras de mocidade?”

“Sem duvida! — replicou Branca. — Nem ha nelas cousa que se deva occultar. Que aventuras póde haver na vida de um mestre pedreiro, a não serem algumas peregrinações e viagens? É a isto que se reduz a historia de meu marido. Nascido na cidade de Arles, partiu muito moço para Escocia, e lá trabalhou largos annos por official, até que chegou a mestre. Saudoso da patria regressou á França: chegando a Calais, travou amizade com meu pae, que já morava neste casal, propriedade, outr'ora, dos templarios, as ruinas de cujo castello podeis ver desta janella. Gilberto estabeleceu-se na sua patria, largou o avental de pedreiro, deu-se á lavoura, e casou comigo. Meu pae não gozou muito tempo do espectáculo da nossa felicidade: morreu; mas a sua morte foi tranquilla, porque me deixava debaixo da protecção de Gilberto. Bom marido, e bom cidadão, Gilberto é respeitado por todos estes arredores. . . . Mas vós certamente o conheceis: escusado é que eu vos diga mais nada, e que por mais tempo vos seja importuna.”

“A minha fé, que não o sois! replicou Guido. Porém, porque tarda tanto vosso marido? Tão longe é o lago de que me fallastes?”

“Nem por isso. Tambem já a mim me admira tanta demora!”

“Deus louvado! — repetiu Guido lá consigo. Deus louvado! Elle fugiu e me desobrigou de practicar uma acção, cuja lembrança me seria dolorosa até a hora extrema. A minha missão está concluida: e para que algum novo accidente me não torne a lançar no abysmo de que saí, voltarei para Mull immediatamente.”

Feita esta reflexão, cingiu a espada, lançou o manto nos hombros, e dirigiu-se para a chaminé, onde Branca já estava tractando dos preparativos do jantar.

“Adeus, boa-mulher!” — disse com voz tremula. — “Cumpra que eu parta já. Sinceramente agradeço a vossa hospitalidade.”

Branca, cheia de espanto, cravou nelle os olhos. Não podia comprehender os motivos de tão subita resolução. “Já! exclamou emfim: já quereis partir? Acaso vos offendi.”

“Não, desgraçada! — respondeu Guido. Por piedade para comtigo é que eu quero partir.”

“Ide senhor, com Deus: ninguem vo-lo impedirá! — Mas o meu homem . . . o pobre Gilberto! . . . Partir, sem lhe dizer adeus! sem que vos possa encontrar!”

“É o espectáculo desse encontro, que eu quero poupar a teus olhos! replicou Guido, com um modo de quem delirava. Desventurada mulher! — Esse ins-

tante cortaria para sempre o fio da tua felicidade!"  
 — Dizendo isto, apertou-lhe a mão, e foi para sair.  
 — Pallido e atterrado voltou atraz . . . .  
 Gilberto estava em pé no limiar da porta.

[Continuar-se-ha.]

#### DICTOS DE HENRIQUE 4.<sup>o</sup> DE FRANÇA.

ANTES de dar uma batalha este principe correu as fileiras do seu exercito, e disse aos soldados apontando para o penacho branco que trazia: "*Filhos, se os toques dos clarins vos faltarem, este é o signal da reunião; vós o achareis sempre na estrada da gloria e da honra.* Nunca um general fez proclamação mais curta, nem de mais vivo effeito.

N'outra occasião semelhante, Henrique disse simplesmente ás suas tropas: "*Eu sou vosso monarcha e commandante; vós sois francezes; e além está o inimigo.*

Vendo uma vez que a sua vanguarda começava a voltar a cara ao inimigo com symptomas de fugir, bradou-lhe: "*Olhai para a frente; e se não quereis pelejar, ao menos vede como eu morro.*

A França no extenso catalogo dos seus reis não conta outro nem melhor, nem mais illustre. Henrique foi simultaneamente o seu monarcha, o seu pae, o seu general, e o seu ministro. Reuniu a uma extrema franqueza a mais destra politica, aos mais sublimes sentimentos uma agradavel simplicidade de costumes, e á valentia de soldado um fundo inexaurível de humanidade.

#### OS ESTRANGEIRADOS.

ATTENDEMOS que é ingratição, atravessada de alivozia, desamparar o homem aquella doutrina que recebeu de seus maiores, aquella em que viveu, e a razão o cultivou: não nego por isso a liberdade a cada um, para poder olhar bem para os bons modos das outras nações, na guerra ou na paz, e trazer, ou á sua, ou a si mesmo, algum costume vantajado. — Porém que assim á carga cerrada, e a olhos fechados, logo seja o alheio uso recebido, só porque é alheio, e logo o proprio despedido só porque é proprio, digo-vos, que é um vicio, digno de grão vituperio em quem o affecta.

#### LITHOGRAPHIA PORTUGUEZA.

HA pouco tempo tivemos occasião de louvar os progressos que em Portugal, ou, para melhor dizermos, em Lisboa, tem feito a lithographia: fallámos nesta materia quando demos a nossa fraca opinião sobre os Quadros Historicos dos Srs. Castilho, Fonseca e Sendim: tanto o retrato de D. Affonso Henriques, como o quadro das côrtes de Lamego fazem honra á nação; mas é preciso confessar que pelo lado da lithographia, e só da lithographia, vimos ultimamente obra ainda mais prima.

Vem esta a ser uma collecção de desenhos de imaginação representando diversos typos de mulheres de diferentes paizes: cremos estes desenhos cópias de outros francezes, nem por este lado valeria a pena de escrever uma só linha; mas o que não receámos dizer é que a execuçã lithographica nada tem que invejar ás melhores obras deste genero francezas e inglezas. A suavidade e a harmonia dos claros e escuros, o macio do todo tocam as raias da perfeição, e chegam a enganar fazendo crer, principalmente as cabeças, que são gravura de cobre. Em nosso entender o Sr. J. J. Lopes, que lithographou estas estampas, poz-se a par dos melhores artistas que trabalham em obras de semelhante natureza,

Annos  
de  
J. C.

SEMANARIO HISTORICO.

Agosto 19

- 14 — O imperador Augusto morre em Nola, de 78 annos de idade.
- 1584 — Falece em Guadalupe o Jeronymitano Fr. Heitor Pinto, um dos mais illustres escriptores portuguezes.
- 1662 — Morte do philosopho Pascal: — tinha de idade de 39 annos. 20
- 1508 — Descobrimto do Canadá, por Dionisio Normando, aventureiro francez, que se embarcava com alguns compatriotas a buscar fortuna pelo mundo.
- 1580 — Morte do bispo do Algarve D. Jeronymo Osorio. Talvez foi elle o melhor escriptor latino dos tempos modernos, e muitos ha que o põe em igual parallelo com Cicero e Lactancio, na eloquencia, e na formosura e pureza do estylo. Parece-nos tal opinião exaggerada. Mas é indubitavel que Osorio não teve emulo no seu tempo. A melhor obra do nosso Francisco Manuel do Nascimento é a traducção do livro — *Das Acções de D. Manuel* — que era tambem a melhor obra latina de Osorio. 21
- 1415 — Tomada de Ceuta por elrei D. João 1.<sup>o</sup>
- 1808 — Batalha do Vimeiro, em que o exercito combinado portuguez-inglez derrotou os francezes. 22
- 1422 — Saiu neste dia o decreto de D. João 1.<sup>o</sup>, pelo qual mandava que se mudasse a conta da *Era de Cesar* para a de Anno do Nascimento. Corria então a era de 1460, que ficou sendo anno de 1422. Veja-se sobre esta mudança o nosso 3.<sup>o</sup> artigo de chronologia. 23
- 79 — Primeira erupção do Vesuvio mencionada na historia. Nella morreu o naturalista Plinio.
- 1484 — Elrei D. João 2.<sup>o</sup> mata ás punhaladas seu primo D. Diogo duque de Vizeu.
- 1822 — O celebre astronomo alemão Herschel morre em Inglaterra de 85 annos de idade. 24
- 1471 — Toma D. Affonso 5.<sup>o</sup> a cidade de Arzilla na Africa.
- 1572 — Matança de S. Bartholomeu, em que foram assassinados mais de 40:000 protestantes, em toda a França, e no mesmo dia. 25
- 1554 — Derrota D. Fernando de Menezes uma armada turca nos mares de Ormuz. Das 15 galés de que esta se compunha 6 caem nas mãos dos portuguezes, e as outras acolhem-se a Surrate, onde os mouros foram obrigados a desfaze-las.
- 1580 — O duque de Alva derrota juncto á ponte de Alcantara em Lisboa, o tumultuario exercito de D. Antonio, prior do Crato.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.<sup>o</sup> 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.